

## Um

Quando vi que Finn me esperava à esquina da rua, percebi logo que qualquer coisa correria mal. Normalmente, fá-lo-ia quando estava na cama ou encostado à ombreira da porta, de olhos fechados. Demais a mais, tinha-me atrasado por causa da greve. De qualquer maneira, detesto a viagem de regresso a Inglaterra; e até enterrar a cabeça bem fundo na minha querida Londres de modo a esquecer ter estado afastado, sinto-me inconsolável. Assim, podem imaginar a minha infelicidade por ser obrigado a esperar em Newhaven que os comboios começassem a circular, sentindo o cheiro da França ainda fresco nas narinas. Desta vez, também na alfândega me apreenderam duas garrafas de conhaque que trago sempre sem pagar direitos, e assim, quando chegou a hora de os *pubs* fecharem, fiquei completamente abandonado aos tormentos de uma auto-análise mórbida. A objectividade estimulante da verdadeira contemplação é qualquer coisa que alguém com o meu temperamento não consegue alcançar em cidades inglesas desconhecidas, mesmo quando não tem de se preocupar com comboios. Mesmo nas melhores alturas os comboios são maus para os nervos. Que pesadelos tinham as pessoas antes de existirem os comboios? Considerando tudo isto, era estranho que Finn me tivesse vindo esperar na rua.

Assim que o vi, pousei as malas no chão. Estavam cheias de livros franceses e muito pesadas. Gritei: “Olá!” E Finn veio vagarosamente ao meu encontro. Nunca tem pressa. Acho difícil explicar como ele é. Não é exactamente meu criado. Parece muito mais ser meu gestor. Umás vezes apoio-o, e outras apoia-me ele; depende. De qualquer modo, está esclarecido que não somos iguais. Chama-se Peter O’Finney, mas o leitor não precisa de se preocupar com isso, porque

o tratam sempre por Finn e é uma espécie de meu primo afastado ou assim costumava declarar, e nunca me incomodei em averiguar. Mas as pessoas têm a impressão de que é meu criado e comigo também acontece o mesmo, embora fosse complicado dizer exactamente o que é que leva a tirar essa conclusão. Por vezes, penso que é por ele ser uma pessoa humilde e discreta e que, por isso, se retira automaticamente para segundo plano. Quando não há camas suficientes, é sempre ele quem dorme no chão, o que parece absolutamente natural. É verdade que estou sempre a dar-lhe ordens porque talvez não tenha muitas ideias próprias para preencher o seu tempo. Alguns dos meus amigos pensam que é amalucado, mas não o é; na verdade, sabe muito bem o que está a fazer.

Quando, finalmente, chegou junto de mim, indiquei-lhe uma das malas, mas não lhe pegou. Em vez disso, sentou-se em cima dela e olhou para mim de uma maneira melancólica. Sentei-me na outra e, durante uns segundos, ficámos em silêncio. Estava cansado e relutante em questioná-lo; ir-me-ia contar tudo dentro de momentos. Gosta de problemas, dos seus ou dos de outras pessoas sem qualquer discriminação, e o que aprecia especialmente é dar más notícias. Com o seu aspecto triste e esgalgado, o cabelo acastanhado, liso e caído e o rosto irlandês ossudo, Finn é muito atraente. A cabeça dele está acima da minha (sou baixo), mas é um pouco curvado. Quando olhou para mim com um ar tão taciturno, fiquei desanimado.

“Que se passa?”, perguntei finalmente.

“Ela pôs-nos na rua.”

Não conseguia levar isto a sério; era impossível.

“Vamos lá ver”, disse com toda a simpatia. “O que é que isso significa realmente?”

“Está a pôr-nos na rua a ambos. Agora, hoje.”

Finn é uma gralha, mas nunca mente nem mesmo exagera. Isto, todavia, era absurdo.

“Mas porquê? Que fizemos nós?”

“Não é o que fizemos, é o que ela está para fazer. Vai casar-se com um sujeito.”

Foi um choque. Contudo, mesmo enquanto vacilava, disse para comigo: “Bem, porque não?” Sou um homem tolerante e justo. E, no momento seguinte, interrogava-me para onde poderíamos ir.

“Mas ela nunca me disse coisa alguma.”

“Nunca lhe perguntaste.”

Isto era verdade. Durante o ano passado desinteressara-me da vida privada de Magdalen. Se sai e se se compromete com qualquer outro homem, a quem devo agradecer senão a mim mesmo?

“Quem é ele?”

“Um angariador de apostas.”

“Rico?”

“É, tem carro.” Este era o critério de Finn e julgo que, naquele tempo, era também o meu.

“As mulheres fazem-me mal ao coração”, acrescentou Finn. Não estava mais satisfeito que eu por sermos postos na rua.

Sentei-me por uns momentos, sentindo uma vaga dor física em que o ciúme e o orgulho ferido se misturavam com uma forte sensação de ficar sem abrigo. Aqui estávamos nós sentados em Earls Court Road, numa manhã de Julho, poeirenta e soalheira, em cima de duas malas sem sabermos para onde ir. Acontece sempre isto: envidava todos os meus esforços para pôr o meu universo em ordem e a funcionar, e, repentinamente, tudo se desfazia numa confusão de miseráveis pedaços e eu e Finn andaríamos sem destino de um lado para o outro. Falo do meu universo e não do nosso, porque, por vezes, sinto que Finn tem uma vida interior muito limitada. Não é por desrespeito que o digo; uns têm, outros não. Relaciono isto também com a sua boa-fé. As pessoas subtis como eu sabem demais para que possam dar uma resposta directa. Os diferentes aspectos têm sempre sido o meu problema. E ligo isto à aptidão de Finn para fazer afirmações objectivas como uma luz intensa em cima de uma dor de cabeça, quando menos se espera. Pode ser, contudo, que ele sinta a falta dessa vida interior e, por isso, me siga visto que a minha é complexa, rica em muitos aspectos. De qualquer modo, considero Finn como um habitante do meu universo e não consigo conceber que ele tenha um em que eu esteja contido; e este mútuo acordo parece agradar aos dois.

Faltavam mais de duas horas para a abertura dos *pubs* e mal podia encarar a ideia de ver Magdalen já de seguida. Estaria à espera que lhe fizesse uma cena e não me sentia com a energia suficiente para tal, à parte de não saber a cena que eu devia representar. Isso necessitaria de alguma reflexão. Não há nada como ser expulso para se começar a esmiuçar o que é ser-se expulso. Precisava de tempo para reflectir na minha situação.

“Tomas uma chávena de café no Lyons’?”, perguntei a Finn, cheio de esperança.

“Não, já estou desfeito por ter estado à espera que regressasses e com ela a desejar-me no Inferno. Vamos agora falar com ela.” E começou a descer a rua. Finn nunca se refere às pessoas de outro modo a não ser por pronomes ou vocativos. Segui-o devagar, tentando perceber quem eu era.

Magdalen vivia numa daquelas casas tristes e repelentes em Earls Court Road. Tinha metade do último andar e eu também ali vivera mais de ano e meio com Finn. Vivíamos no quarto andar num labirinto de sótãos e Magdalen no terceiro andar, o que não impedia que a víssemos muitas vezes, sobretudo de início. Começara a sentir que esta era a minha casa. Por vezes, Magdalen tinha lá amigos, mas não me importava nem fazia perguntas. Era preferível assim, pois então tinha mais tempo para trabalhar ou antes para o tipo de reflexão sonhadora e inútil, que é do que mais gosto no mundo. Tínhamos vivido ali tão aconchegados como um par de nozes dentro da casca. Praticamente vivemos também sem pagarmos renda, o que era um outro aspecto a considerar. Não há nada que mais me irrite do que ter de pagar renda.

Magdalen, devo acrescentar, era dactilógrafa na cidade, ou era no tempo dos primeiros acontecimentos desta história. Isto, porém, não é suficiente para a descrever. O seu verdadeiro emprego é dedicar-se a ela própria com um zelo e mestria tremendos. Os seus esforços seguem as linhas sugeridas pelas revistas femininas e pelo cinema e é unicamente graças a haver nela uma fonte de vitalidade natural e incorruptível que não se transformou numa pessoa incaracterística apesar de ter feito das convenções dominantes da sedução um estudo constante. Não é uma beldade, um termo que emprego com moderação, mas é bonita e atraente. O seu encanto reside nas feições regulares, na tez delicada que cobre com uma máscara de maquilhagem cor de pêssego até ficar tão macia e inexpressiva como o alabastro. Tem o cabelo, pintado de louro, permanentemente ondulado desde que a moda o decreta mais apropriado. As mulheres pensam que a beleza reside na sujeição a uma regra harmoniosa. A falta de tempo, dinheiro e técnica é a única coisa que as impede de se tornarem indistintamente semelhantes. As estrelas de cinema, que têm tudo isto, são indistintamente semelhantes. A atracção de Magdalen está nos olhos e na vivacidade do seu comportamento e expressão. Os olhos são uma parte do rosto que nada consegue disfarçar ou, em todo o caso, nada do que até agora possa ter sido inventado. Os olhos são o espelho da alma e

não se podem pintar ou mesmo pintalgar com poeira de ouro. Os de Magdalen são grandes, cinzentos e amendoados, e brilham como calhaus à chuva. De tempos a tempos, ganha muito dinheiro, não como dactilógrafa, mas como modelo fotográfico; é o ideal de rapariga bonita para toda a gente.

Quando chegámos, estava no banho. Entrámos para a sala de estar, onde um aquecimento eléctrico e uma pequena pilha de meias de *nylon* e roupa interior de seda e o cheiro a pó-de-arroz tornavam o ambiente acolhedor. Finn afundou-se, como ela sempre lhe pedira para não fazer, no divã em desordem. Dirigi-me para a porta do quarto de banho e chamei alto:

“Madge!”

O esparrinhar cessou e ela perguntou:

“És tu, Jake?” O depósito de água fazia um barulho infernal.

“Claro que sou eu. Olha lá, que significa tudo isto?”

“Não te oiço. Espera um minuto.”

“Que significa tudo isto?”, gritei. “Isto de te casares com um angariador de apostas? Não podes fazê-lo sem me consultares!”

Senti que estava a fazer uma cena razoável à porta do quarto de banho. Cheguei mesmo a bater com força na almofada da porta.

“Não consigo ouvir uma palavra”, disse Madge. Não era verdade; procurava ganhar tempo. “Jake, querido, liga a chaleira para tomarmos um café. Saio já.”

Magdalen saiu apressada do quarto de banho com uma lufada de ar quente perfumado exactamente quando eu estava a preparar o café, mas fugiu logo para o quarto de vestir. Finn levantou-se apressadamente do divã. Acendemos um cigarro e esperámos. Após um longo intervalo, Magdalen emergiu radiosa e pôs-se à minha frente. Fiquei a olhar para ela, estupefacto. Todo o seu aspecto tinha sofrido uma profunda alteração. Tinha um vestido de seda justo, com um corte caro e espalhafatoso e uma enorme quantidade de joalharia que aparentava ser bastante cara. Até a expressão facial parecia outra. Agora, consegui finalmente compreender o que Finn me dissera. Ao descer a rua, estivera demasiado absorto com as minhas preocupações para reflectir na excentricidade e enormidade dos seus projectos cujo valor em numérico estava agora perante mim. Era de certeza inesperado. Madge costumava associar-se a indivíduos da cidade enfadonhos e com interesses humanitários, ou funcionários públicos com gostos boémios, ou, na pior das hipóteses, com escritorzecos literários como